

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A ANÁLISE EXPERIMENTAL DO COMPORTAMENTO ¹

Lidia Natalia Dobrianskyj Weber ²



A função deste artigo não é fazer comparações entre um sistema em Psicologia e outro ou tecer justificativas sobre aquele ser melhor ou pior do que este, mesmo porque, para tal conduta, seria necessário conhecer a fundo os diversos sistemas que se deseja comparar, e eu não me proponho a essa difícil tarefa. A finalidade é tentar esclarecer de uma forma simples e despretensiosa alguns pontos desta postura teórica que são atacados com frequência, e conseqüentemente mal-entendidos, quando não, ignorados.

Uma das críticas à Análise Experimental do Comportamento é que seus experimentos de laboratório são muito simplistas e mesmo ingênuos ao tentar comparar o ser humano com animais como ratos albinos. Primeiramente, deve-se dizer que a Análise Experimental do Comportamento utiliza procedimentos controlados, manipula variáveis, observa, mede e estuda o comportamento dos organismos e, antes de tudo, *compara o animal com ele mesmo*. O objetivo desta metodologia é descobrir características comuns de controle de vários comportamentos em diferentes situações, encontrar a ordem e a regularidade do comportamento e tentar formular princípios e leis sobre a aprendizagem.

Em verdade, os animais são utilizados em experimentos de laboratório por diversas razões específicas, tais como: os processos básicos são descobertos mais facilmente, existe maior possibilidade de controle de sua história presente e passada e até de sua história genética, maior viabilidade de investigação de variáveis como privação e luzes intensas, por exemplo, que não seria possível com seres humanos etc. Nesse sentido, não há necessidade de trabalhar com um animal que seja próximo ao homem na escala filogenética, a não ser que o objetivo seja estudar as características comportamentais apresentadas somente por esses organismos filogeneticamente superiores. “Para muitos problemas em aprendizagem, como discriminação, diferenciação ou encadeamento, animais simples como ratos ou pombos são inteiramente satisfatórios” (Millenson, 1975, p. 201).

É importante ressaltar que o objetivo dos experimentos de laboratório não é generalizar os resultados obtidos com animais para seres humanos; mais do que isso, é tentar encontrar princípios e procedimentos gerais para o comportamento. Parece claro que não vamos resolver o problema científico reduzindo o homem ao animal, mas é de grande relevância para este problema, a análise conceitual. Uma citação de Ades (1978) sobre este assunto é bastante esclarecedora:

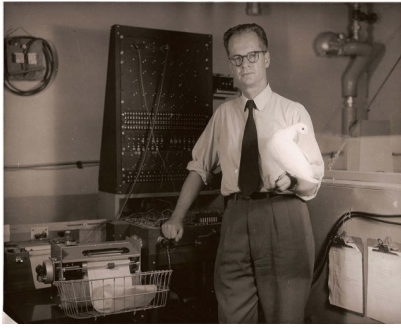
O objetivo é apreender através de observação de um sistema simplificado considerado t(pico, características que poderão ser generalizadas posteriormente para outros sistemas, mesmo em condições em que os fatores atuantes são mais numerosos e mais complexos. Os resultados de experimentas com ratos ou com pombos que lotam as maiores revistas de psicologia experimental animal certamente não são vistos pelos autores como acrescentando apenas alguma parcela de conhecimento a respeito do rato enquanto rato e do pombo enquanto pombo. Acredita-se que constituam indícios acerca de processos gerais (reforço, discriminação etc.), presentes em muitos contextos (possivelmente também nos chamados contextos naturais) e muitos tipos de organismos.

Sabemos que toda sofisticação tecnológica de controle dos experimentos de laboratório veio com Skinner, em decorrência da necessidade de mensuração e quantificação do comportamento, e suas pesquisas convenceram-no de que o estudo do comportamento humano faz parte de uma ciência natural. O que a Análise Experimental do Comportamento faz é tentar explicar as relações funcionais entre o organismo e o ambiente, ou seja, conhecer as variáveis das quais o comportamento é função. Essa tecnologia possibilitou um melhor controle de variáveis, sendo que, atualmente, os experimentos podem ser repetidos diversas vezes e por vários experimentadores nas mesmas condições, e os resultados são apresentados operacionalmente, isto é, de forma objetiva e previsível em função da aplicação de um determinado procedimento. Este fator foi grandemente responsável por trazer a Psicologia mais perto da ciência, ou pelo menos, por tornar científico o estudo do comportamento. A ciência não é somente observação e descrição dos fatos, ela é um conjunto de conhecimentos que tenta descobrir ordem e procura desvendar as leis objetivas que regem os fenômenos e sua explicação.

A Análise Experimental do Comportamento também é acusada, especialmente no Brasil, de ser alienada, pois comentários como “com tantos problemas sociais que temos, os Behavioristas permanecem trancados em seus laboratórios brincando com ratinhos...” surgem com frequência em rodas de estudiosos da Psicologia. É preciso ter consciência de que a pesquisa básica em qualquer área é antes de tudo, produção de conhecimento e, às vezes, o conhecimento obtido não tem uma aplicação prática imediata. Nem sempre o

¹ Artigo publicado na Revista Psicologia Argumento, VI, 1986.

² Professora da Universidade Federal do Paraná; Mestre e Doutora em Psicologia Experimental pela USP; Pós-doutora em Processos de Saúde e Desenvolvimento Humano pela UnB.



experimentador sabe aonde um determinado experimento vai dar. Trabalhar com análise experimental é simplesmente uma opção por uma linha de trabalho. É claro que querer resolver problemas sociais em laboratório é utópico, e nesse sentido, pode-se cobrar uma ideologia do experimentador como pessoa e não do experimento. Tomar posições políticas e preocupar-se com o social não exclui o direito de trabalhar com pesquisa básica. Pelo contrário, podemos verificar que existe claramente nos escritos de Skinner, um grande pesquisador deste século, uma extensa preocupação com o social. Segundo Harzem (1978), uma das contribuições de Skinner é levar a Análise Experimental do Comportamento à análise social. Podemos ainda refletir sobre as palavras

de Maria Lúcia Ferrara (1984), professora da Universidade de São Paulo e uma das pesquisadoras em Análise Experimental do Comportamento que mais produz trabalhos no Brasil: “Não é a população que você está estudando que dão valor de sua pesquisa. Uma pesquisa não é mais ou menos engajada se você trabalha com operários ou com ratos. Também o fato de fazer ciência não te exige de refletir sobre o que você faz, ou seja, de pensar logicamente. De qualquer forma, sempre se faz filosofia”.

Outro aspecto bastante polêmico é a questão do controle. Muitas pessoas mostram-se apavoradas diante da possibilidade de controle obtida a partir do desvendamento dos princípios gerais que regem o comportamento. Parece que o objetivo de um analista experimental do comportamento é sair às ruas e controlar todas as pessoas que quiser, como se ele tivesse um poder infinito nas mãos e seu desejo fosse usá-lo para fins escusos e/ou maléficos. Não podemos esquecer que o controle existe e está em todas as partes do ambiente social em que vivemos, mas ele possui diversas facetas. Skinner (1983a) salientou que a luta para a liberdade tem sido uma questão de libertar as pessoas do que nós chamamos de controle aversivo. Existem déspotas que controlam através de métodos punitivos e deste poder devemos nos livrar, e uma forma para isso é saber como esse poder funciona e como podemos utilizar o contracontrole. Através de conhecimentos sobre o comportamento humano, é sensibilizar as pessoas sobre os fatos que estão ocorrendo. Skinner (1983a) afirma que, “infelizmente, nós chegamos à conclusão de que todo do controle é errado, que é algo de que devemos fugir. Nós não reconhecemos o fato de que nós também somos controlados quando fazemos o que queremos, quando nos sentimos livres.” Vou tentar exemplificar: suponha que uma pessoa vá a um restaurante pela primeira vez lá ela seja muito bem recebida, a comida seja ótima, os preços acessíveis e o *maître* faça questão de despedir-se dela pessoalmente. Qual previsão para o comportamento desta pessoa nas próximas vezes que desejar almoçar ou jantar em um lugar que não seja a sua casa? Ela voltará mais vezes aquele lugar onde teve satisfações, é óbvio! Este é um tipo de controle que não nos parece, e certamente não é, assustador ou aversivo, no entanto, essa pessoa está sendo *controlada* pelo seu meu ambiente.

Em uma entrevista foi perguntado à Skinner se “ele incomodava-se com o fato de que Skinner e Behaviorismo, embora já incorporados à ciência, ainda fossem sinônimos do manipulação de comportamento e possibilidades sinistras.” A resposta foi excelente. Transcrevo-a integralmente para finalizar, por ora, essa questão:

Eu estou preocupado com a escalada de armas nucleares, mas não culpa Einstein por isto. Lamento, como todo mundo, que certas drogas pesquisadas com fins farmacêuticos sejam utilizadas por viciados, mas nem por isso devemos defender o fim da pesquisa farmacêutica. Não se acaba com os automóveis porque motoristas bêbados os usam para matar. Tudo pode ser usado para fins sinistros e isto vale para a tecnologia do comportamento. O fato é que as pessoas habilidosas sempre souberam manipular a comportamento de outras. Só que o fazem intuitivamente, como uma arte. Alguns tinham o talento, outros não. Com o Behaviorismo, explicamos como isto se faz. (Skinner, 1983b).

Gostaria ainda de lembrar que as disciplinas relacionadas à natureza humana estão preocupadas em proporcionar ao homem melhores condições de vida. A tentativa é pensar antes na profilaxia do que na cura. Nesse sentido, será que é necessário discutir os pormenores que cada estudioso ou cada escola adota, ou é mais importante refletir sobre o objetivo final, o bem-estar do ser humano?

Referências

- Ades, O. (1978). Nota sobre possível integração entre psicologia experimental animal e etologia. *Psicologia*, 2, 1-5.
- Ferrara, M.L.D. Comunicação pessoal.
- Harzem, P. & Miles, T.R. (1978). *Conceptual issues in operant psychology*. Chichester: John Wiley & Sons.
- Illenon, J.R. (1975). *Princípios de análise do comportamento*. Brasília: Coordenada.
- Skinner, B.F. (1983a). Origins of a Behaviorist. *Psychology Today*, 17(9), 22-33.
- Skinner, B.F. (1983b). Entrevista: Estado de alerta máximo. *Veja*, 771, 3-6.



Burrhus Frederic Skinner 1904-1990